feminilidade e psicanálise

Christian Ingo Lenz Dunker

Resenha do livro de Ana Laura Prates e Silva: *Feminilidade e psicanálise.*

A feminilidade é uma questão que resiste a se inscrever sob a forma de um saber. Fiel a este caráter de abertura e enigma que comanda o tema, o livro de Ana Laura Prates e Silva nos proporciona uma arqueologia da questão, uma densa e rigorosa reconstrução da problemática que cerca a apreensão da mulher na psicanálise, passando pelas inúmeras inflexões que esta convoca. Justamente ao deter-se nos conceitos, ao mostrar sua lógica interna e articulação histórica, o texto permite situar a especificidade da apreensão psicanalítica diante da teoria da cultura, dos estudos de gênero e das perspectivas biologizantes. Ao afastar-se, portanto, das similitudes generalizantes e dos deslocamentos superficiais da psicanálise para com estes campos o livro realiza condições para que este diálogo se coloque.

Originalmente apresentada como dissertação de mestrado junto ao Instituto de Psicologia da USP, o presente texto tornou-se rapidamente uma referência para os estudos na área. Na verdade, ele inaugurou um vigoroso movimento de reflexão e pesquisa sobre a questão da feminilidade, particularmente na perspectiva lacaniana, que se mostra hoje presente extensamente nos horizontes de investigação universitária e psicanalítica. No Brasil os estudos sobre a mulher encontram-se dispersos por inúmeras disciplinas, contrastando com o mundo acadêmico anglo-saxônico, onde os *women studies*, constituem uma área de pesquisa independente, com forte repercussão social e inscrição política. Nesse contexto autoras como Lucy Irigaray e Julia Kristeva, bebendo na fonte de Lacan, chegam a posições nitidamente contrastantes com as aqui defendidas por Ana Laura. De fato, uma das discussões levadas a cabo nesse livro, acerca da interpretação da teoria da feminilidade freudiana, pelos pós-freudianos, nos termos de uma proporção entre os sexos, biológica ou culturalmente fundada, mostra aqui toda sua atualidade.

De fato, a disparidade de interpretações e leituras que a tradição psicanalítica constituiu sobre o tema da feminilidade não pode ser atribuída apenas à explosividade política que o

assunto possui mas também a certas tensões internas ao texto de Freud. Nessa medida, o livro parte da construção da diferença entre os sexos enfatizando a contradição entre duas teses: a existência da bissexualidade (como indiferenciação entre os sexos quanto à libido e à escolha de objeto) e a premissa universal do falo. A primeira, mais intimamente ligada à metapsicologia das pulsões, é apresentada de modo a demarcar claramente a diferença entre o dualismo "atividade e passividade" (enquanto modos da pulsão) e o dualismo "castrado e não castrado". Tal diferença depende, para sua elucidação, da acepção que se adote acerca do falo, da sua relação com o plano anatômico, bem como de seu papel no Complexo de Édipo. Logo vemos como a feminilidade, longe se ser um tema lateral, interroga o núcleo da metapsicologia freudiana, sinalizando em seu interior certas dificuldades.

Mas Ana Laura não se contenta com a "anatomia conceitual", uma vez que generaliza o impasse freudiano com o tema, tirando dele conseqüências para a questão clínica acerca dos limites de uma análise, a partir do rochedo constituído pela inveja do pênis na mulher. Tudo leva a crer que é esta implicação clínica, a saber — os destinos da feminilidade na direção da cura psicanalítica — o que constitui o fio condutor do livro. Há um final de análise distinto para a mulher e para o homem? Qual a distinção entre histeria e feminilidade? Como explicar esta associação histórica? Como pensar a feminilidade sem fazê-la depender unicamente da referência anatômico-orgânica, da passividade ou da premissa fálica?

Esse conjunto de perguntas se coordena, em seu desenvolvimento no texto, com a apresentação da concepção de feminilidade em Lacan. Tal apresentação preserva o diagrama de questões deixadas por Freud e mostra como a noção de falo, como significante da falta, e a noção de gozo, em suas diferentes formas de inscrição, são decisivas para a rearticulação da problemática da feminilidade. A noção de falo permite reler o complexo de Édipo no termos da metáfora paterna e daí deduzir as estruturas clínicas, na qual se insere a histeria. Desloca-se assim a questão anatômica para o âmbito do significante e da linguagem. Isso colocaria Lacan na esteira de uma espécie de construtivismo mitigado, capaz de oferecer uma alternativa ao essencialismo dominante que ronda historicamente o tema da feminilidade, sem no entanto reduzir-se a um relativismo polimorfo. Além disso a solução se mostra congruente com as alternativas freudianas para a construção da sexualidade na mulher: recusa, recalcamento ou feminilidade.

O que se constata a esta altura são os inúmeros ganhos clínicos e teóricos introduzidos pela noção de falo, e suas conseqüências. Separa-se com isso a dimensão imaginária que recobre a identificação ao falo, da dialética do ter e do ser, que comanda a escolha de objeto. Distingue-se o papel do Nome do Pai, e posteriormente, do significante mestre, como articuladores simbólicos do desejo em sua encruzilhada com o amor. Mostra-se sobretudo a força de uma leitura baseada na desproporção e diferença na constituição da sexualidade do homem e da mulher. No entanto este movimento crítico expositivo aprisiona a questão na esfera fálica, tornando difícil diferenciar histeria e feminilidade. A tese de que "não há relação sexual" implica assim uma incompletude e desproporcionalidade entre os sexos, bem como uma limitação no acesso ao gozo enquanto genitalidade concluída. No entanto essa tese preserva a unicidade do gozo na sua dimensão fálica.

Nesse ponto o texto inicia em debate com alguns comentadores que, de certa forma, consideram esta posição suficiente para pensar a feminilidade. O que Ana Laura apresenta, em contraposição a isso, alia-se, de certa maneira a algumas críticas contemporâneas ao falocentrismo universalista de Lacan. Mas ela o faz apoiada em uma leitura atenta do ensino do próprio Lacan, efetuado a partir da década de 70, especialmente no que se sucede ao Seminário XVIII, conhecido como *De um discurso que não seria do semblante* (1970-71).

Aqui a exposição retoma a questão da bissexualidade, jogando-a contra a soberania da premissa fálica, até então em curso. Mas esta retomada inclui, dentro de si, a bissexualidade não como mero correlato de duas formas de sexualidade: a feminina e a masculina, mas como duas formas radicalmente diferentes de inscrição de gozo: o gozo fálico e o gozo Outro. A teoria da sexuação é lida então como a formalização lógica de uma dupla impossibilidade: a impossibilidade de reunir masculinidade e feminilidade de forma a que o conjunto faça uma totalidade (a relação sexual não existe) e a impossibilidade de que a própria feminilidade faça um todo (a mulher não existe). No segundo caso desenvolve-se a proposta de Lacan acerca de uma lógica baseada no "não todo", uma vez que a mulher estaria "não toda" inscrita na função fálica.

A histeria (gozo fálico) e a feminilidade (gozo fálico e gozo Outro como suplência) ficam assim distinguidas. Uma mulher, na construção da sua feminilidade, está às voltas com o destino possível para a falta de significante que tal construção põe em cena. No entanto a "falta de significante" (no Outro)

não é o mesmo que o "significante da falta" (o falo). A histeria, assim como a mascarada (como encenação imaginária da não-toda), o amor ou a maternidade são soluções que acabam por desconhecer a diferença anteriormente colocada, isto é, preservam o gozo fálico e sofrem no retorno do gozo Outro.

A condição feminina e a questão de gênero diferenciam-se assim da posição feminina (dependente da norma fálica) e da inscrição feminina (dependente das formas de gozo). Em que pese o alcance lógico desta inscrição não podemos deixar de notar neste movimento um retorno a uma posição mais "realista" em Lacan. Mesmo que seja pela via de um Real pensado no discurso e marcado pela efígie do impossível, situado apenas por intermédio do matema lógico, ou do patema poético, trata-se aqui da presença de um irredutível que de certa forma impõe-se ao sujeito. Se tal irredutível contém dentro de si alguma forma de retorno ao essencialismo ou à metafísica da presença, como afirma Derrida, mesmo que às avessas (metafísica da ausência?), ou ainda se tal posição não fez a crítica do universalismo fálico, para dele deduzir a feminilidade, como quer, por exemplo, Monique Menard, são questões que ainda este texto provoca e que se encontram no centro de um amplo debate contemporâneo.

No plano clínico, certas conseqüências da consideração da inscrição femininas no quadro da lógica do não todo vêm sendo objeto de extensas polêmicas, nas quais esse livro, se não toma uma posição definitiva, mostra toda a complexidade envolvida. De fato, a chamada clínica do Real, muitas vezes posta em antinomia com a clínica do significante, parece indicar uma retomada da negatividade, fora do âmbito circunscrito da falta. O feminino e todas as figuras de negativização que o envolvem, constitui assim um modelo *princeps* para uma espécie de revisão clínica a que assistimos recentemente na tradição inaugurada por Lacan. Se isso redunda em formas realmente distintas assumidas pelo final de análise, como quer Soller, ou se isso de fato ultrapassa o paradigma freudiano representado pelo masoquismo, pela passividade e pela rocha da castração é a aposta em causa no momento.

Sai-se da leitura desse livro com a provocação representada por seu título explorada com uma clareza inusitada. O estilo elegante e inquieto afasta-se do dogmatismo convencional proporcionando uma visão engajada e sóbria deste continente negro, que não existe, mas que assim mesmo não deixa de ser fascinante em suas sombras.